

ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

Adriene Portela Prado Corrêa- adriene.correa@adventista.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0422-9134>

Doutorado em Educação com ênfase em Instrução curricular e Educação especial e inclusiva Professora do UNIAENE desde 2018.

Fernando Batista Peixoto- peixoto19.edu@gmail.com

Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE).

Roberta Conceição da Silva dos Santos- robertasilva.edu@gmail.com

Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE).

Adrielle Thaíssa Reis da Silva de Lima- adriellethaissasilva@hotmail.com

Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE).

Resumo: A alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser desafiadora, mas também muito gratificante. Nesse processo, os professores precisam entender da importância de conhecer e acolher as crianças por meio de relacionamentos significativos, promovendo um ambiente seguro, acolhedor e respeitoso, capaz de motivar e promover no aluno com TEA o senso de pertencimento. Outro importante passo é adaptar as estratégias de ensino para atender às necessidades individuais de cada criança. Isso pode envolver o uso de recursos visuais, como cartões com letras grandes e coloridas, a incorporação de atividades sensoriais e a repetição consistente. Além disso, a criação de um ambiente estruturado e previsível pode ser benéfica para crianças com TEA durante o processo de alfabetização. Isso pode incluir a utilização de rotinas claras e a minimização de estímulos sensoriais excessivos. Adicionalmente, é fundamental que os educadores e os pais trabalhem em parceria para apoiar a alfabetização das crianças com TEA, adaptando as estratégias conforme a necessidade de cada aluno, promovendo o suporte e motivação dentro e fora da sala de aula, nutrindo as experiências práticas e significativas para as crianças, e celebrando cada conquista ao longo do caminho.

Palavras Chave: Alfabetização. Autismo. Professor.

Abstract: Literacy for children with Autism Spectrum Disorder (ASD) can be challenging, but also very rewarding. In this process, teachers need to understand the importance of knowing and welcoming children through meaningful relationships, promoting a safe, welcoming and respectful environment, capable of motivating and promoting a sense of belonging in students with ASD. Another important step is to adapt teaching strategies to meet the individual needs of each child. This may involve using visual aids such as cards with large, colorful print, incorporating sensory activities, and consistent repetition. Furthermore, creating a structured and predictable environment can be beneficial for children with ASD during the literacy process. This may include using clear routines and minimizing excessive sensory stimulation. Additionally, it is essential that educators and parents work in partnership to support the literacy of children with ASD, adapting strategies according to each student's needs, promoting support and motivation inside and outside the classroom, nurturing practical experiences and meaningful experiences for children, and celebrating each achievement along the way.

Keywords: Literacy. Autism. Teacher.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa perceber e analisar os desafios e estratégias utilizadas no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Na busca de estudar as diversas metodologias que os alfabetizadores podem utilizar para um bom atendimento educacional às crianças do TEA. Diante dos argumentos supracitados, compreende-se a importância de conhecer aspectos que visam facilitar e nortear esse processo educacional, a fim de desenvolver métodos e abordagens eficazes, para assim produzir excelentes resultados no processo de alfabetização de crianças com TEA. Como compreender as dificuldades que as crianças com essa especificidade encontram em torno do seu processo de aprendizagem e da alfabetização? Existem estratégias que realmente facilitam esse processo educacional?

O autismo ou TEA é uma condição que foi descrita, inicialmente, na década de 1940, mas, ainda hoje, intriga profissionais de diversas áreas, bem como a população de maneira geral. Isto se deve ao fato, provavelmente, da diversidade encontrada entre as pessoas com este diagnóstico e da multiplicidade de dúvidas em relação à causa e a forma de intervir nos diferentes casos e especificidades de alunos com TEA. O TEA é caracterizado pelas dificuldades nas interações sociais, e pelos déficits na fala e na comunicação, além de apresentar um repertório restrito de atividades e interesses, as manifestações do TEA variam de acordo com a idade e a fase de desenvolvimento da criança. Os prejuízos nas interações sociais envolvem o comportamento não verbal, especialmente aqueles relacionados ao contato visual direto, as expressões faciais e corporais. Na comunicação, poderá afetar tanto as habilidades verbais quanto as não verbais, podendo comprometer o desenvolvimento da linguagem falada e quando falam, podem apresentar dificuldades para manter uma conversação (BRASIL, 2010).

Quando a fala se desenvolve, o timbre, a entonação, a velocidade, o ritmo ou a ênfase podem ser anormais. As estruturas gramaticais são frequentemente imaturas e incluem o uso estereotipado e repetitivo. Pode-se observar uma perturbação na capacidade de compreensão da linguagem, como entender perguntas, orientações ou piadas simples (BRASIL, 2010, p.15).

As crianças com TEA apresentam ainda prejuízos acentuados na capacidade imaginativa e, com frequência, interessam-se por rotinas ou rituais não funcionais. Assim, poderão apresentar movimentos corporais (todo o corpo) ou envolvendo as mãos de forma estereotipada, além de posturas inadequadas. Podem apresentar, ainda, um interesse persistente em determinados objetos ou em parte deles, especialmente, aqueles com movimentos giratórios (BRASIL, 2010).

Esta tríade de comprometimentos – interação social, comportamento e comunicação, podem acarretar algumas limitações no processo de aprendizagem do aluno com TEA. No entanto, a escolarização e sucesso acadêmico de crianças com TEA são possíveis, desde que seja considerado a perspectiva da educação inclusiva, e conseqüentemente lhes são oferecidas as devidas intervenções precoces, a motivação para seguir explorando o mundo e as oportunidades educacionais e de socialização de acordo com as necessidades, habilidades e potencialidades de cada aluno. No Brasil, as pesquisas sobre a inclusão escolar de crianças com TEA no sistema regular de ensino estão se intensificando, assim como as investigações sobre os processos de alfabetização e letramento de tais alunos. Entretanto, ainda há uma dissociação em relação às discussões sobre esses dois aspectos supracitados.

Capellini (2004) e Omote (2008) apontam a necessidade de se investigar o desempenho acadêmico de alunos com deficiência e não somente as concepções de professores acerca do processo, assim como promover uma reflexão sobre a socialização destes alunos, sobretudo daqueles com autismo, e principalmente investigar sobre o processo de alfabetização, buscando as práticas e estratégias que podem maximizar o envolvimento e aprendizado dos alunos com deficiências e especificidades como o TEA.

Vale enfatizar que, assim como a linguagem oral, o processo de alfabetização e letramento é de suma importância para a consolidação das relações interpessoais, principalmente para os alunos com TEA. É necessário que sejam estimuladas suas habilidades de comunicação e expressão, para que consigam interagir socialmente, assimilar a sua realidade e agir sobre ela, minimizando, conseqüentemente, as barreiras trazidas pelo transtorno. Contudo, o processo de alfabetização de crianças com TEA pode trazer para estes alunos não apenas o conhecimento do mundo das letras, palavras e sons; mas também pode consolidar o desenvolvimento no processo da fala, favorecer interações e relacionamentos interpessoais. Conseqüentemente, este processo não pode ser negligenciado e precisa ser cuidadosamente pensado para estimular as crianças com TEA a se desenvolverem ao máximo do seu potencial. Por conseguinte, essencialmente nas séries iniciais do ensino fundamental e no processo de alfabetização, o aluno com TEA precisa de um ensino

orientado, dinâmico, envolvente e criativo, para que consiga auxiliar as crianças com TEA a se desenvolverem no processo de leitura e linguagem, na interiorização da linguagem social e exteriorização das ideias e dos pensamentos, de modo a absorver os signos arbitrários convencionais socialmente e empregá-los de modo intencional e autônomo.

Perceber as dificuldades que as crianças com transtorno do espectro autista enfrentam no quesito do seu processo de aprendizagem requer sensibilidade e observação cuidadosa por parte dos professores e corpo técnico da escola. Muitas crianças com autismo podem ter desafios na comunicação, interação social, flexibilidade de pensamento e processamento sensorial, o que pode impactar de forma significativa sua capacidade de aprender e de interagir com o mundo ao seu redor. Ao compreender essas dificuldades específicas, os educadores e profissionais podem (re)adaptar o ambiente de aprendizagem, aplicar abordagens multissensoriais, promover estratégias da aprendizagem cooperativa, explorar os interesses das crianças com TEA, valorizar as experiências prévias de cada criança, pensar nas adaptações (curricular, de tempo, de material e de avaliação) necessárias, utilizar tecnologias Assistivas, implementar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas salas de Recursos pensar em estratégias para minimizar os comportamentos estereotipados, promover atividades sociais significativas e promover estratégias de ensino variadas para suprir às necessidades únicas de cada criança com autismo.

A alfabetização de crianças com TEA pode ser apoiada de várias maneiras. É de suma importância adaptar as estratégias de ensino para atender às necessidades individuais de cada criança. Algumas abordagens eficazes englobam o uso de recursos visuais, como cartões com letras grandes e coloridas, o método Análise do Comportamento Aplicado (Applied Behavior Analysis- ABA), a utilização de jogos e atividades interativas para tornar a aprendizagem mais envolvente, e a incorporação de rotinas estruturadas para ajudar as crianças a se sentirem mais seguras, dentro de uma rotina, e preparadas para o aprendizado. Além disso, a colaboração próxima com pais, terapeutas e profissionais da educação especial é fundamental para criar um ambiente de apoio abrangente para a criança. Os educadores de referência na educação inclusiva acreditam que por meio de trabalhos em equipe, atividades desafiadoras e interessantes que envolvam problemas da vida real e experiências pessoais dos alunos, a escola regular pode garantir o sucesso e desenvolvimento de todos, dentro das habilidades e competências de cada aluno (Mantoan, 1998, 2002, 2008, 2009, 2012, 2013; Mastropiere & Scruggs, 2014; Salend, 2005; Stainback & Stainback, 1996; Winter, 2007).

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de estudos bibliográficos em livros, artigos e matérias encontrados em links e revistas sobre a educação. Foram observadas as dificuldades pautadas já encontradas neste âmbito, a busca pela compreensão psíquica das crianças com TEA que resultam em soluções adequadas para promover uma alfabetização significativa e eficaz para crianças com TEA, além de buscar possíveis métodos já comprovados para melhoria do Atendimento

Educacional Especializado (AEE) ao público-alvo, e espaços preparados e qualificados para promover alfabetização de qualidade para crianças com TEA, em alguns casos as Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). Consequentemente, o tipo da pesquisa será bibliográfica e analítica, analisando cuidadosamente os pontos pesquisados e encontrados nos livros, artigos e documentos que serão objetos e instrumentos para a efetivação da temática proposta neste projeto.

Os materiais pesquisado foram procurados nos departamentos de psicologia, pedagogia e educação inclusiva dos livros da Biblioteca da Faculdade Adventista da Bahia, em sites destinados à publicação de artigos científicos como Sielo, e em sites sobre educação em geral, como Nova Escola, Toda Matéria, entre outros. Adicionalmente, foram consultados o livro Autismo, Educação e Interdisciplinaridade e alguns sites de pesquisa de reportagens como o da Fundação Abrinq que abordou sobre o impacto de uma boa alfabetização na vida promissora de uma criança. Consequentemente, é de suma importância o aprofundar-se nesses assuntos e tornar esse estudo cada vez mais discutido e apreciado, pois é através destas investigações que a educação especial terá um grande avanço.

Encontrar estratégias concretas que contribuam com o avanço da alfabetização dos discentes com TEA precisa ser o objetivo de todos os professores, considerando que todas as crianças precisam se alfabetizadas e participar da Escola Regular de Ensino. Contudo, esse processo busca destrinchar as dificuldades no processo de alfabetização, levando em conta que o seu processo de aprendizagem requer auxílio apropriado, sendo imprescindível analisar atentamente as reações da criança diante de diferentes estímulos, identificar suas preferências sensoriais, entender suas formas individuais de comunicação e reconhecer quais estratégias de ensino são mais eficazes para crianças com TEA. Além disso, é importante levar em consideração a possibilidade de hiper ou hipossensibilidade sensorial, que pode influenciar a maneira como a criança distingue e processa informações do ambiente.

Este processo de alfabetização consiste em um compilado de ações que os alfabetizadores precisam tomar em vista às necessidades de cada criança. Dácielly Ribeiro (2021) diz que “o professor não deve apenas deixar aquele aluno para o professor de apoio cuidar especificamente dele, e sim buscar mais conhecimento sobre o transtorno” (p. 6), por isso inicialmente é de extrema importância conhecer as principais características comuns do autismo, se há a presença de Deficiência Intelectual no aprendiz ou qualquer outra comorbidade, se o aluno possui alguma disfunção executiva, motora e/ou espacial, que diz respeito à falha da função responsável por avisar ao cérebro às ações que o corpo fará, acionando os sistemas que permitem o planejamento dos movimentos; lenta velocidade de processamento que está relacionado à dificuldade que algumas tarefas determinadas terão em relação às outras; baixa capacidade de manter a atenção em tarefas sequenciais que pode estar ligado ao Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH); e a memória boa para o hiperfocal 63

e ruim para o que não interessa. Uma matéria publicada pelo Instituto Neurosaber de Ensino (2020), afirma que na alfabetização de crianças com autismo, é de muita valia que esses aspectos sejam acolhidos pelo professor para que este adapte suas estratégias de ensino de maneira há possibilitar o aprendizado e a atender as necessidades específicas dos alunos com TEA.

Compreendendo essas características é iniciado o processo de observação focada inteiramente na criança que será alfabetizada, observar as comorbidades que podem estar associadas, conhecer seu comportamento diante de situações comuns em sala de aula como comunicação e linguagem tanto social entre os colegas e quanto voltada para diálogos teóricos, conversar com a família e conscientizá-los sobre esse desenvolvimento, são um dos primeiros passos a serem tomados e muito importantes para a construção deste processo.

Rivière explica que:

as crianças com autismo, independentemente de sua opção escolar, requerem atenção específica e individualizada a seus problemas de comunicação e de linguagem e a suas dificuldades de relação. Quase sempre é necessária a atenção de professores de apoio e de especialistas em audição e linguagem, com uma capacitação específica em procedimentos de tratamento para crianças autistas (2004, p. 253).

O processo de alfabetização de crianças com TEA não diverge muito do processo de alfabetização de crianças neurotípicas, pois o que a maioria das crianças com TEA precisam no processo de alfabetização é de atividades lúdicas, criativas, envolventes e de teor prático e lúdico. Contudo, alguns alunos irão precisar de algumas adaptações, do Plano Educacional Especializado (PEI), ou mesmo de um atendimento mais individualizado na Sala de Recurso Multifuncional com o AEE. Contudo, quando as adaptações e flexibilizações necessárias são realizadas de acordo com a necessidade da criança, o processo se torna mais tranquilo e natural, garantindo maior engajamento e interesse do aluno. Consequentemente, após o conhecimento e observações sobre o aluno, cabe ao professor construir atividades estruturadas e sequenciadas, com instrução explícita e altamente visuais, favorecendo o entendimento das crianças com autismo, levando em conta as dificuldades e habilidades das crianças com TEA durante o planejamento pedagógico.

Algumas das estratégias que podem ser utilizadas são da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). São estratégias que visam ajudar e também ACELERAR alunos autistas na expressão e compreensão da linguagem. Nem todos os alunos autistas conseguem se comunicar verbalmente de forma eficaz, e a CAA oferece recursos e ferramentas para superar essa dificuldade. A CAA pode envolver o uso de sistemas de comunicação por símbolos, dispositivos eletrônicos de comunicação, quadros de comunicação ou outros meios adaptados às necessidades individuais do aluno e sua família. A implementação da CAA no ambiente escolar promove a interação com pares, o engajamento e a participação ativa do aluno com TEA. Promover a estimulação sensorial fazendo atividades com objetos reciclados e tintas, areia, massinhas, entre outros materiais que podem ser utilizados para incentivar a escrita.

Muitas pessoas com TEA têm dificuldades sensoriais específicas, o que pode afetar sua experiência no ambiente escolar. A estratégia de apoio sensorial busca criar um ambiente que acomode as necessidades sensoriais dos alunos autistas. Isso pode envolver a criação de espaços tranquilos para descanso ou regulação sensorial, o fornecimento de materiais sensoriais (como almofadas texturizadas ou fones de ouvido com cancelamento de ruído), um local específico para uma “massagem relaxante” para quando o aluno estiver estereotipando ou apresentando exaustão social, além da própria sensibilização dos colegas de classe sobre as diferenças sensoriais dos alunos com TEA. O apoio sensorial no ambiente escolar contribui muito para reduzir o estresse e a sobrecarga sensorial, permitindo que os alunos se concentrem melhor nas atividades de aprendizado e tenham uma experiência mais prazerosa e de maior sucesso no processo escolar e com o processo de socialização também.

O uso de suportes visuais é uma estratégia eficaz no ensino de alunos com TEA, especialmente no contexto de ensino estruturado, ou seja, quando as atividades são previamente programadas. Os suportes visuais incluem pistas visuais, estratégias e materiais do ABA, quadros de rotina e histórias sociais. As pistas visuais fornecem informações visuais claras e consistentes para orientar os alunos nas atividades diárias. Os quadros de rotina ajudam a estabelecer uma rotina previsível e estruturada, proporcionando segurança e alinhamento das expectativas. Já as histórias sociais são ferramentas que descrevem situações sociais de forma visual e sequencial, auxiliando os alunos com TEA na compreensão de interações sociais complexas. O uso desses suportes visuais no ensino estruturado promove a organização, a compreensão e a independência dos alunos autistas, diminuindo a ansiedade e por consequência, os comportamentos interferentes.

A interação social e o desenvolvimento de habilidades sociais são aspectos importantíssimos para os alunos com TEA. O ambiente escolar deve fornecer oportunidades estruturadas para a prática e o desenvolvimento dessas habilidades. Isso pode ser feito por meio de atividades em grupo, jogos cooperativos, atividades que motivam a cooperação em lugar da competição, programas de mentoria ou grupos de apoio. É essencial promover a compreensão mútua entre os colegas de classe, incentivando a empatia, a tolerância e o respeito às diferenças. O ensino de habilidades sociais de forma explícita e inclusiva contribui para o fortalecimento das relações sociais e para a autonomia dos alunos autistas.

Sobre isso Bereoff (1994) explica que:

educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação normalidade e competência profissional. Com isso, tornando um desafio ao descrever um impacto dos primeiros contatos entre o professor e a criança, muitas vezes tão desconhecida e imprevisível (p.11).

Adicionalmente, Corrêa (2018) declara que a construção de uma cultura inclusiva na escola também é vital para um processo inclusivo de sucesso. Quando todos na escola (administradores, corpo técnico, professores e alunos) entendem que a inclusão deve ser um processo que envolve toda a escola, que aceitar, amar, respeitar e valorizar as diferenças é o segredo para que todos se desenvolvam de forma segura (sem bullying, preconceitos e rejeição) e se desenvolva ao máximo do seu potencial, todos os processos inclusivos, inclusive a alfabetização, passa a ser papel de todos e por meio de todos, valendo-se de atividades colaborativas, dinâmicas, lúdicas, criativas e envolventes, e utilizando-se das experiências e interesses de todos os alunos, inclusive daqueles com TEA. Referindo-se aos professores, Corrêa (2018) explica que “suas aulas precisam ser dinâmicas, usando estratégias de ensino atuais e diversificadas, participativas, colaborativas, envolventes e motivacionais” (Corrêa, 2018, p. 62). Rapp e Arndt (2012) defendem que uma cultura escolar inclusiva é o principal motivador e maior responsável por efetuar uma mudança de paradigma nos professores e corpo técnico, onde as antigas concepções das deficiências e antigas práticas educacionais e tradicionais são trocadas por práticas educacionais mais cooperativas e flexíveis para a tender as necessidades de todos os alunos, inclusive aqueles com deficiências.

A cultura inclusiva da escola suporta a flexibilidade, a colaboração, estratégias de ensino diversificadas, currículo e avaliações flexíveis, bem como serviços relativos aos alunos com NEE. A cultura escolar também é responsável por: construir o sentimento de pertencimento em todos os alunos; nutrir a responsabilidade para com as atividades e tarefas; promover altas expectativas para todos os alunos; motivar os alunos a superar seus limites e se desenvolver ao máximo seus potenciais; promover respeito, valorização e colaboração; e apoiar os alunos nos assuntos emocionais e sociais.

Sobre a cultura inclusiva que a escola precisa possuir, Corrêa (2018) esclarece:

Na inclusão total, o ambiente, a filosofia e a cultura escolar precisam ser inteiramente inclusivos, não dando espaço para a competição, preconceito, discriminação ou qualquer tipo de exclusão; e quando um aluno necessita de apoio individualizado específico, esse apoio é provido no contraturno com o apoio de professores especializados, utilizando as Salas de Recursos Multifuncionais (Corrêa, 2018, p. 62).

Outro importante fator no processo de alfabetização de crianças com TEA, é a atitude positiva do professor em relação ao processo inclusivo. Quando o professor entende sua função em aceitar, amar, valorizar e respeitar as crianças com deficiências, ele também aceita facilmente os processos para educá-las. Quando o professor entende que o processo inclusivo beneficia a todos que dele participam, esse professor está mais disposto a ter relacionamentos significativos com seus alunos com especificidades, se torna mais comprometido a pesquisar e buscar soluções para viabilizar um processo educacional eficaz, além de estar mais disposto para promover as adaptações e matérias necessários para promover um ensino mais envolvente, dinâmico, lúdico e significativo, um ensino de qualidade e que favorece o desenvolvimento de todas as crianças. Consequentemente, esse

professor também entenderá que todas as crianças podem aprender, ainda que de formas diferentes e em diferentes níveis, mas que todos os aprendizados irão nutrir o desenvolvimento, as habilidades e potencialidades destas crianças. Sobre isso White (2008) declara:

Toda criança pode adquirir conhecimento como Jesus o adquiriu. Ao procurarmos nos relacionar com nosso Pai celestial por meio de Sua palavra, anjos se achegarão a nós, nossa mente será fortalecida, nosso caráter elevado e apurado. Tornar-nos-emos mais semelhantes a nosso Salvador. E, ao contemplarmos o que é belo e grande na natureza, nossas afeições crescem para com Deus (p. 46).

A doutora Mantoan (2013) também defende a importância de uma forte cultura escolar inclusiva e das atitudes positivas dos professores referente a educação inclusiva. Ela explica que esses fatores são importantes no processo de remoção da “pedagogia que congela as identidades”, que consiste em antigas práticas de ensino centradas no ensino individual e competitivo, que rejeita e discrimina os alunos com deficiências, que tem uma forma padrão para ensinar, que categoriza e segrega grupos pretendendo que eles são homogêneos e vergonhosamente rejeitam e discriminam aos alunos com NEE. Consequentemente, esses fatores irão cooperar para a implantação de uma “pedagogia da diferença”, que consiste em novas práticas de ensino, práticas diversificadas, inovadoras, cooperativas, flexíveis, e que respeitam a diversidade. Segundo Mantoan, a pedagogia da diferença é “construída no entendimento pleno da inclusão” (2013, p. 7) e valoriza cada estudante como sendo único, onde o educador respeita, aceita e valoriza seus alunos, inclusive aqueles com deficiências; onde o educador busca promover práticas pedagógicas desafiadoras, criativas, envolventes, cooperativas e que fornecem a base para experiências de aprendizagens significativas, duradouras e eficazes.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A alfabetização em crianças com TEA pode ser um desafio para os pais e professores. Isso acontece porque que os alunos com TEA experimentam desafios específicos em relação ao processo de aprendizagem. A Lei Berenice Piana, de nº 12.764/12, que entrou em vigor em dezembro de 2012, possui em seu título o nome da primeira pessoa que conseguiu a aprovação de uma lei por meio de iniciativa popular no Brasil. Diante de tantos desafios encontrados após o nascimento do seu terceiro filho, em meados da década de 90, onde a palavra autismo não era conhecida por ela e por nenhum profissional da saúde em que levava seu filho, que aos 2 anos, apresentava pouco avanço na fala, não olhava nos olhos, não socializava com outras crianças, entre outros sintomas que a criança apresentava. Contudo, o que mais preocupava Berenice era o processo educacional de seu filho, assim ela lutou pelos direitos do seu filho e acompanhou de perto cada processo educacional, chegando a lutar inclusive para que fosse reconhecido seu crescimento e desenvolvimento, sem que ele fosse sumariamente comparado com os alunos reuotípicos e com os objetivos acadêmicos para os

demais alunos. Após muitas lutas, quando seu filho já tinha 6 anos, finalmente Berenice Piana conseguiu o diagnóstico do TEA, diante de sua incansável busca, estudos próprios e contrapondo às insistências médicas que apontavam a criança como neurotípica (indivíduo que não possui problemas no desenvolvimento neurológico), Berenice se valeu de todos seus esforços para garantir a educação de seu filho na escola regular e com um olhar voltado para a criança em sua especificidade.

Até os 6 anos de idade da criança, os profissionais de saúde não conseguiam perceber nada de errado com o garoto, pois, naquela época, o TEA era muito desconhecido e ainda não havia profissionais capacitados no diagnóstico do transtorno no Brasil. Essa história que resultou na lei Berenice Piana, que hoje serve para garantir os direitos educacionais das crianças com TEA e também ressalta para as famílias e educadores sobre a importância da harmonia e cooperação família e escola no processo educacional das crianças com TEA. Além disso, Berenice Piana, como um dos principais pilares do processo de educação de crianças com TEA, também nos mostra sobre a necessidade e importância de uma atitude investigativa, da busca e pesquisas para buscar um processo educacional e inclusivo de sucesso. Quando o professor apresenta essa postura investigativa e de busca de uma aprendizagem continuada, suas descobertas podem desenrolar, de forma mais rápida e eficaz, caminhos educacionais e estratégias que irão resultar em um ensino inovador, criativo, envolvente e desafiador, sendo capaz de atender as necessidades específicas das crianças com TEA e de promover um ensino mais significativo e eficiente, cooperando também para a construção de novas hipóteses ou metodologias de alfabetização. Quando há o conhecimento do sistema psicológico e comportamental da criança, há também a criação e a inovação de possíveis soluções para este fim, sempre em parceria com o corpo docente da instituição de ensino, que é a responsável por auxiliar o estudante neste processo de aprendizagem. É sempre válido recordar que a escola é um dos principais palcos para o acontecimento dessas descobertas e que a figura do professor é participante nesta construção.

Nesse contexto, segundo Vasques (2003, p.12) “É preciso compreender a escola como lugar de ser criança, como um lugar social no qual a criança deve estar e assim sendo nossa responsabilidade possibilitar que ela esteja ali compreendendo seu lugar e aprendendo”. Existem 5 itens que compõem um processo estruturado de alfabetização para alunos com TEA, Consciência fonológica, Princípio alfabético, Instrução fônica, Instrução explícita e Abordagem multissensorial. A consciência fonológica é usada para auxiliar e manipular os sons e as fala no processo de alfabetização, por isso, adaptar este método de alfabetização é crucial para auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças, assim, facilitando todo processo de aprendizagem, já que elas podem ter uma ampla gama de habilidades linguísticas. Segundo Nagy e Anderson (1999, p. 155), uma possível definição de consciência metalinguística (fônica) consiste em “a habilidade de refletir sobre e manipular os aspectos estruturais da língua - não é necessária no uso normal da língua; as pessoas geralmente

prestam atenção na mensagem que está sendo transmitida, não nos elementos que a transmitem.”

O princípio alfabético está ligado a consciência fonológica, ela trabalha na representação dos fonemas por grafemas em diferentes sons, fornece uma abordagem multidisciplinar, integrada e adaptada, podendo desenvolver nas crianças com TEA, uma melhor compreensão no progresso na leitura e escrita. A instrução fônica é uma abordagem eficaz neste processo de alfabetização de crianças com TEA, podendo ser adaptada afim de atender as necessidades específicas de cada criança. Ela trabalha influência da leitura oral, o ensino de vocabulário, citando também, a leitura compartilhada, para que haja uma melhor compreensão e um processo colaborativo entre os pares. A instrução explícita é uma abordagem de ensino estruturada e que pode ser eficaz neste progresso, pois trabalha com objetivos claros (reconhecer som e palavras específicas), modelagem (ao ensinar o som da letra, pronunciar o som de forma clara), e também trabalha com o uso de exemplos corretos e incorretos, estimulando a reconhecerem as diferenças. Já no método multissensorial, criado por Orton e adaptado por Orton e Gilligham em 1925 (Capovilla, 2002; Birsh, 2011), permite uma maior exploração sensorial e o desenvolvimento de diferentes capacidades perceptivas do aprendiz, buscando associar percepções tácteis e cinestésicas aos estímulos visuais e auditivos envolve a utilização de múltiplos sentidos como, (visão, audição, tato, paladar e olfato), este método atende as necessidades abordadas, trazendo matérias visuais (imagens com letras associadas com palavras), estimulação auditivas (utilizando canções, rimas, leitura de histórias), e assim alavancar o desenvolvimento cognitivo e aprendizagem dos alunos com TEA.

A escrita, por exemplo, é um desafio para muitos estudantes com TEA, pois envolve coordenação, força muscular, habilidades motoras, habilidades de linguagem e organização. Mas através de estudos e pesquisas, encontra-se estratégias que visam promover um avanço neste quadro, como, promover um ambiente de aprendizagem estruturado, com rotinas consistentes; tecnologia assertiva (software de escrita), que utiliza programas de computador e aplicativos que oferecem suporte à escrita, como corretores ortográficos, e teclados adaptativos. Vale ressaltar também que, a socialização e trabalhos em grupo é uma ferramenta importante para ajudar crianças com TEA a interagir e aprender.

Segundo Marise Bartolozzi Bastos (2018, p.1).

Um dos principais problemas enfrentados na escolarização de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) é o fato de que muitas delas experimentam dificuldade para estabelecer uma relação socializada com os outros. Nesse sentido, mais do que a chance de aprender, a escola oferece a crianças com autismo uma certidão de pertinência ao proporcionar-lhes o lugar de “estudantes”. Com a inclusão, aposta-se no poder das diferentes produções discursivas presentes no ambiente escolar de delinear, assegurar e sustentar o lugar social de aluno.

Como cada criança com o TEA é única, é importante que seja observada as características individuais, como a criança percebe e interage com o mundo ao seu redor, suas habilidades e 69

suas limitações, suas comorbidades e terapias sendo realizadas, seu desenvolvimento linguístico e detalhes sobre como essa criança se comunica, seus preferências e como lida com suas dificuldades e frustrações. Dessa forma, faz-se necessário a ajuda de diversos profissionais da educação e realizar uma avaliação psicopedagógica para avaliar a cognição e psicomotricidade, além das formas de se relacionar com o mundo. Consequentemente, essas questões são fundamentais para criar estratégias na hora da alfabetização, adequar o ambiente às necessidades da criança com TEA e contribuir para uma inclusão de qualidade e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada criança é única e como tal deve ser tratada, suas habilidades e limitações devem ser observadas, reconhecidas, aceitas, valorizadas, respeitadas e nutridas para garantir nessa criança o contínuo processo de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, todas as crianças precisam ser amadas e respeitadas, para que o processo educacional possa ser significativo, natural, tranquilo e eficiente. Contudo a educação precisa, necessariamente valorizar as vivências singulares de cada aluno, através de sua convivência familiar ou da socialização em outros espaços de convivência.

No entanto, a escola e os professores permanecem com um papel central no aprendizado e na alfabetização das crianças. E para isso, além do conhecimento, é importante que tenham empatia, entendendo que o aprendizado acontece por meio de diferentes fatores, como a socialização com outras crianças, relação da criança com a iniciação na leitura, entre outros fatores. Consequentemente, os professores precisam buscar estratégias de ensino que seja inovadoras, lúdicas e criativas para promover um processo de alfabetização significativo e que garanta real desenvolvimento no processo de alfabetização. Além de estratégias diversificadas, os professores precisam considerar importantes fatores no processo de alfabetização de crianças com TEA, tais como: uma forte cultura inclusiva em todo o ambiente escolar; atitudes positivas dos professores referente ao processo inclusivo, estratégias de alfabetização diversificadas e específicas para crianças com TEA (ABA, CAA, materiais visuais e diversificados, adaptações curriculares e de avaliações, flexibilidade no processo, entre outras); a utilização do AEE e/ou PEI quando necessário, o uso de Salas de Recursos Multifuncionais no contraturno (quando necessário); ambientes e rotinas estruturados, entre outras estratégias. Consequentemente, apesar do processo de educar e alfabetizar crianças com TEA ser um processo complexo e que demanda pesquisa, dedicação e implementação de novas práticas educacionais, pode ser um processo gratificante e de grandes resultados para todos os envolvidos no processo.

REFERÊNCIAS

- ADAPTE. [S.l.]: 2024. 5 Estratégias de Ensino para Incluir Pessoas Autistas. Disponível em: https://www.adapte.com.vc/blog/5_estrategias_de_ensino#:~:text=O%20uso%20de%20suportes%20visuais,de%20rotina%20e%20hist%C3%B3rias%20sociais. Acesso em: 04 jul. 2024.
- BASTOS, M. Escrita e alfabetização de crianças com autismo. **Diversa**. Wark, 2018. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/escrita-alfabetizacao-criancas-com-autismo/>. Acesso em: 04 jul. 2024.
- BIFANO, M. Disfunção executiva e seu papel no autismo. **Czermainski**, 2024. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/disfuncao-executiva/>. Acesso em: 04 jul. 2024.2011
- CAPELLINI, V.; SHIBUKAWA, P.; RINALDO, S. **Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com Transtorno do Espectro Autista**. Unoeste, [s.l], 2016. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1309>. Acesso em: 07 Ago. 2024
- CogniFit. [S.l.:s.n.], 2024. Disponível em: <https://www.cognifit.com/br/habilidade-cognitiva/velocidade-de-processamento#:~:text=Possuir%20uma%20velocidade%20de%20processamento,anota%C3%A7%C3%B5es%20ou%20manter%20uma%20conversa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 04 jul. 2024.
- CORREA, A. P. **Princípios e processos da educação inclusiva**. Porto Alegre [RS]: Buqui, 2018.
- FIGUEIREDO, T. Métodos de como alfabetizar a criança com transtorno do espectro autista. Campina Grande: **Realize Editora**, 2022. Disponível em: <http://www.fanap.br>. Acesso em: 04 jul. 2024.
- JOAQUINA, M. SILVEIRA, Z. Práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização e no letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos primeiros anos do ensino fundamental: Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, n. 2, p. 4-6. UNESCO, 2023.
- LIMA, Daísa Milaine Rezende; LAMONIER, Elisangela Leles. A importância da adaptação de atividades no ambiente escolar para estudantes com deficiência. Goiânia: **Instituto Federal Goiano**, [2011] Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/3193/1/tcc_%20Daisa%20Lima.pdfAcesso em: 04 jul. 2024.
- MARCHESONI, L.; SHIMAZAKI, E. A alfabetização e sua importância para o futuro das crianças. **Fundação Abrinq**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/alfabetizacao-e-sua-importancia-para-o-futuro-das-criancas>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- MANTOAN, M. **Integração X inclusão**: Educação Para Todos. Pátio: Revista Pedagógica, 5, 48-51,1998.
- MANTOAN, M. **Ensinando a turma toda**. Pátio: Revista Pedagógica, 5(20), 18-23, 2002.
- MANTOAN, M. **Igualdade e diferenças na escola**: Como andar no fio da navalha. Atos de Pesquisa em Educação, 3(3), 403-411, 2008. Disponível em: http://proxy.furb.br/ojs_teste/index.php/atosdepesquisa/article/viewFile/1224/886
- MANTOAN, M. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 2a ed. São Paulo, Brazil:

Moderna, 2009.

MANTOAN, M. **Ambientes desafiadores ou restritos**: Afinal, que escola queremos para todas as crianças? In R. R. Borges & F. P. T. Monteiro (Org.). *Sustentar a Práxis: a Educação Infantil como Obra de Arte*. 1a ed. Vinhedo: Forma Escrita Projeto Editorial, 1, 27-33, 2012.

MANTOAN, M. **Diferenciar para incluir ou para excluir?** Por uma pedagogia da diferença, 2013. Disponível em: http://www.diversa.org.br/artigos/artigos.php?Id=2879&/diferenciar_para_incluir_ou_para_excluir_por_uma_pedagogia_da_diferenca

MASTROPIERE, M.; SCRUGGS, T. **The inclusive classroom**: Strategies for effective instruction. 2a ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2004.

NEUROSABER. **Como é o processo de alfabetização de uma criança com autismo?** Paraná, 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/como-e-o-processo-de-alfabetizacao-de-uma-crianca-com-autismo/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

NOGUEIRA, R; BRAGA, E; ROSSI, C. **Educação inclusiva no Brasil**: um estudo sobre a alfabetização em crianças autistas. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RAPP, W.; ARNDT, K. **Teaching everyone: An introduction to inclusive education**. Baltimore, MD: Paul H. Brooks, 2012.

RIBEIRO, Dácielly Kallian Paes. Papel do professor no processo de inclusão do aluno com Transtorno do espectro autista. Santa Catarina: **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/o-papel-do-professor-no-processo-de-inclusao-do-aluno-com-transtorno-de-espectro-autista.htm>. Acesso em: 04 jul. 2024

RODRIGUES, Soares. Métodos para alfabetização de alunos com autismo. **NeuroSaber**, [S.l.], 2017. Disponível: <https://www.jadeautism.com/metodos-para-alfabetizacao-de-alunos-com-autismo>. Acesso em: 26 abr. 2024.

RUSSO, F.; **Alfabetização e autismo**: quais são os desafios? Cadernos de Educação, Pelotas, n. 49, p. 49, p. 60-45, set./dez., 2014.

SILVA, D; MELO, J. **Alfabetização de criança com TEA**: Um Relato de Experiência. CAICÓ-RN, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44553> Acesso em: 07 Ago.2024

SALEND, S. **Creating inclusive classrooms**: Effective and reflective practices for all students. 5a ed. Colombus, OH: Merrill/Prentice Hall, 2005.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusion**: A guide for educators. Baltimore, MD: Paul H. Brooks, 1996.

WHITE, Ellen G. **Educação**. 9a ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WINTER, S. **Inclusive early childhood education**: A collaborative approach. Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2007.